

*Nascentes***UM ESTUDO SOBRE OS ESTEREÓTIPOS EM REDAÇÕES DO ENEM***Edmar Peixoto de Lima***Francisco Diego Sousa****Maria Aparecida Porto Bessa****

RESUMO: O objetivo deste trabalho é investigar a construção de estereótipos em redações do Exame Nacional do Ensino Médio que versaram sobre o tema “Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil.” Do ponto de vista metodológico, o *corpus* deste artigo é composto por duas redações avaliadas com notas distintas (660 e 1000 pontos). A análise mostrou que os estereótipos mobilizados na redação nota 660 dialogam com enunciados anteriores caracterizados por reproduzirem discursos preconceituosos, excludentes e racistas. Por outro lado, os estereótipos construídos na redação que obteve nota máxima respondem a enunciados do campo da ciência e, portanto, fazem parte do universo de crenças e valores de muitos intelectuais. Desse modo, a investigação realizada neste trabalho demonstra a relevância, tanto do ponto de vista de acesso à universidade como do desenvolvimento de uma cosmovisão mais democrática e inclusiva, de se trabalhar estereótipos nas propostas de produção textual do gênero redação.

PALAVRAS-CHAVE: Argumentação; Estereótipos; Gênero redação do Enem.

Considerações iniciais

A vida em sociedade contribui para o surgimento de diversos ideários coletivos que permeiam os mais variados campos da atividade humana e despertam o interesse das ciências da linguagem em tentar compreender como essas formas de pensar são materializadas e difundidas pelas atitudes languageiras dos indivíduos, tanto no que diz respeito ao aspecto social (aqui entendido como o uso da língua em uma dada situação comunicativa) quanto ao aspecto heurístico-epistemológico (relacionado às diversas pesquisas/produções que compõem o universo acadêmico-científico).

Nesse sentido, o estudo dos estereótipos tem se mostrado promissor na análise dos mais diversos *corpora*, dentre os quais se acham discursos da/sobre ciência (RUIZ; ARAUJO, 2019), que para muitas pessoas, em razão da sua pretensa objetividade, parecem estar alheios a esse fenômeno, o que aponta para uma concepção limitada dessa noção. Por esse motivo,

* Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (Uece); professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e do Departamento de Letras Vernáculas (DLV/FALA), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

** Mestrando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

*** Mestranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

a análise de enunciados secundários, isto é, de textos produzidos em situações de interação mais complexas (BAKHTIN, 2016), especialmente aqueles considerados mais “objetivos”, pode ajudar a desmistificarmos a visão restrita de estereótipo como algo presente apenas em textos que veiculam imagens cristalizadas com teor preconceituoso.

À vista disso, tencionamos investigar os estereótipos construídos em redações produzidas no âmbito do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) que versaram sobre o tema *Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil*. Para tanto, assumimos que os estereótipos são formas de compreender a realidade através de representações culturais preexistentes; ou seja, tratam-se de representações coletivas simplificadas e fixas que possuímos das coisas e dos seres, que fazem com que ajamos desta ou daquela forma (AMOSSY, 2018).

Com esse intuito, adotamos como *corpus* duas redações elaboradas por candidatos do Enem durante a segunda aplicação da prova na edição de 2016, sendo que uma obteve nota 660 e a outra obteve nota máxima (1000 pontos). Essas redações fazem parte de um *corpus* maior, composto por um total de 63 redações, todas coletadas de alunos de diferentes escolas da rede pública de ensino. A coleta foi feita durante nossa participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)¹. Esses textos foram doados voluntariamente, juntamente com os espelhos de redação, pelos candidatos que os produziram. Na ocasião, reunimos as redações dos candidatos de diferentes localidades sob a assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido, além de todos os cuidados cabíveis para a manutenção do anonimato dos redatores.

Do ponto de vista metodológico, adotamos uma abordagem qualitativa do *corpus*. Realizamos essa escolha porque os textos selecionados para a análise são imprevisíveis quanto à construção de sentidos. Acresce a isso o fato de que estudamos a categoria estereótipo de forma contextualizada, o que constitui mais uma característica dessa abordagem. (LOPES-ROSSI, 2009).

Nosso interesse pelas redações selecionadas adveio, primeiramente, da temática abordada, tendo em vista que questões que envolvem religião são férteis para o surgimento e a propagação do fenômeno estudado. Devido ao fato de a religião ser algo que mexe com as emoções, crenças e algumas vezes, infelizmente, com os preconceitos das pessoas, pensamos na importância de analisar redações do Enem sobre essa temática. De fato, após uma primeira leitura exploratória dos 63 textos, identificamos o fenômeno dos estereótipos e procedemos com a escolha dessa categoria.

¹ Projeto intitulado “Responsabilidade enunciativa e construção do ponto de vista do autor em redações do Enem” (PIBIC 2017/2018 – EDITAL N° 003/2016-DPI/PROPEG/UERN).

Dessa forma, esperamos que nosso trabalho também contribua para uma reflexão sobre a necessidade de considerar as discussões sobre estereótipos nas propostas de produção textual nas aulas de Língua Portuguesa, em especial quando se tratar da produção de redações para o Enem. Sabemos, contudo, que as representações construídas quando falamos ou escrevemos não são mobilizadas de forma consciente. Não obstante, isso não impede que provoquemos a reflexão dos nossos alunos sobre suas próprias produções, pois tal movimento é necessário e urgente tanto do ponto de vista de acesso à universidade como de inclusão e respeito às diferenças.

Do ponto de vista da organização retórica, o trabalho estrutura-se da seguinte forma: primeiro, estas considerações iniciais; em seguida, dois tópicos de natureza mais teórica, nos quais abordamos, respectivamente, postulados centrais da Análise da Argumentação no Discurso e a categoria dos estereótipos; na sequência, realizamos uma análise mais ampla do gênero redação do Enem para, no tópico seguinte, examinarmos de forma mais detida a construção dos estereótipos nos textos selecionados; e, por fim, discutimos sobre os nossos principais resultados.

Análise da Argumentação no Discurso

A Análise da Argumentação no Discurso (doravante AAD) é uma abordagem ou modelo operatório para análise de discursos e textos caracterizada por conciliar elementos retóricos, lógicos e pragmáticos da argumentação (AMOSSY, 2018). Entre os diversos movimentos teóricos dessa abordagem, há a relação entre a análise de discurso contemporânea e a Nova Retórica, muito embora aconteça, concomitantemente, a reformulação e ampliação de conceitos dessas duas perspectivas, dentre os quais se destaca a noção de argumentação.

Na Nova Retórica, a argumentação é definida como a tentativa de "aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento [...]" (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 50). Contudo, a partir das leituras de Amossy (2011), questionamos: essa forma de conceituar não restringe a argumentação à manipulação consciente dos recursos da linguagem a fim de se obter adesão? Toda fala pressupõe uma *visada argumentativa*?

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), por um lado, e Amossy (2018, 2011), por outro, são de acordo de que nem toda fala visa a, de modo explícito, convencer, mas a autora vai além desse posicionamento, ao defender que mesmo a fala desprovida de uma visada argumentativa não foge à dialética da troca de influências entre os sujeitos. Por conseguinte, todo discurso opera, pelo menos, de modo a influenciar as formas de pensar e de ver do auditório.

Para formular tal proposição, a AAD toma o conceito de dialogismo bakhtiniano, segundo o qual todo enunciado *responde* e antecipa outros enunciados. Os enunciados estão, portanto, em uma rede de influências mútuas, de interferência sobre o já-dito e o por dizer. Desse modo,

A argumentatividade aparece, então, como uma consequência do dialogismo inerente ao discurso. Isso é um desvio da retórica clássica, que se ligava apenas aos projetos argumentativos confessos: considera-se aqui que a argumentação atravessa o conjunto dos discursos. [...] é a utilização da linguagem em seu contexto dialógico obrigatório que acarreta necessariamente uma dimensão argumentativa, mesmo quando não há uma programação declarada nem estratégias imediatamente perceptíveis. (AMOSSY, 2018, p. 43)

À vista disso, ao invés de pensar os textos a partir de dois polos extremos que separam o argumentativo do não argumentativo, Amossy (2018) propõe a ideia de *continuum* da argumentação. Destarte, é possível observarmos diferentes modalidades argumentativas nesse *continuum*, das quais a AAD se apropria como tarefas a serem estudadas.

Ademais, a noção de *continuum* também está relacionada à diferenciação entre *dimensão argumentativa* e *visada argumentativa* (AMOSSY, 2018). A primeira está ligada à tentativa de orientar os modos de ver e de sentir do auditório, não obstante isso aconteça de modo mais implícito, a partir do estatuto pragmático dos textos. Nesse caso, trata-se de uma dimensão relativa ao fato de os textos manifestarem pontos de vista, como bem lembram Macedo e Cavalcante (2019). Por ponto de vista, referimo-nos aos conteúdos proposicionais comuns a todo enunciado, que se referem ao modo como um locutor representa e aprecia um determinado objeto do discurso, o que faz com que esse conceito esteja diretamente relacionado à noção de referência (RABATEL, 2016).

À visada argumentativa, por seu turno, relacionam-se os textos que têm um propósito mais explícito de fazer com que um público adira a uma tese (AMOSSY, 2018). Tratam-se, por exemplo, dos artigos de opinião, redações do Enem, sermões, entre outros.

Essa distinção entre dimensão e visada argumentativa contribui na medida em que permite que mais textos possam passar por uma análise da argumentação no discurso, ampliando as possibilidades do analista. Nesse sentido, o conceito de argumentação passa a se referir aos

[...] meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus interlocutores, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre um dado problema. (AMOSSY, 2018, p. 47)

Por conseguinte, a separação corrente entre “textos argumentativos” e “não argumentativos” deixa de ser relevante, haja vista que a argumentação, nesse modo de ver, é parte constitutiva de todo texto.

Estereótipos, interdiscurso e *doxa*

Amossy (2011) defende uma análise da argumentação no discurso que tanto leve em conta os aspectos linguísticos, ignorados pelos analistas do discurso, como as restrições institucionais e as regulações do discurso, ignoradas, muitas vezes, pelos estudiosos da argumentação. Dentre os conceitos aos quais se aplicam essas ideias, está o de estereótipo, reformulado e ampliado pela autora no âmbito da AAD.

Primeiro de tudo, o estereótipo não se resume a uma imagem cristalizada com teor pejorativo. Na verdade, esse fenômeno é comum à linguagem e, inclusive, opera no momento em que o orador tenta persuadir o auditório, tendo em vista que a estereotipagem permite àquele que fala/escreve levar em conta as crenças, ideias e preconceitos atribuídos ao auditório ou ao grupo ao qual pertence o auditório que se quer influenciar. Trata-se, contudo, não de um conhecimento objetivo do real, mas de uma opinião compartilhada, da visualização do real a partir de representações culturais preexistentes². (AMOSSY, 2018).

Nesse sentido, quando produzimos textos recorremos a estereótipos que compõem um espaço dóxico, ou seja, opiniões comuns compartilhadas, mesmo que isso não fique muito evidente na materialidade textual, embora Amossy (2018) também diga que o estereótipo está sempre posto no próprio texto e cabe ao analista identificá-lo.

É justamente seu caráter mais implícito que diferencia o estereótipo do clichê. Enquanto este surge na materialidade do texto, de forma mais identificável, como uma expressão imediatamente reconhecível – tal como no exemplo “branco como um papel” –, aquele nem sempre se constrói através de fórmulas cristalizadas rapidamente identificáveis. Nesse viés, a recuperação do estereótipo é um trabalho de construção leitora e interpretativa do analista. (AMOSSY; PIERROT, 2010).

Em sentido mais estrito, o estereótipo define-se como

[...] uma representação ou uma imagem coletiva simplificada e fixa dos seres e das coisas, que herdamos de nossa cultura e que determina nossas atitudes e nossos comportamentos. [...] designa uma representação social, que é o prisma por meio

² O estereótipo é relacionado, por isso, à noção de *ethos pré-discursivo*. Antes que o orador fale/escreva, o auditório pode atribuir-lhe um *ethos* criado, dentre outros aspectos, com base em estereótipos (AMOSSY, 2018). Por questões de espaço e recorte teórico, não discutiremos a noção de *ethos* pré-discursivo nesse trabalho, mas deixamos registrado que Amossy trouxe contribuições ao desenvolvimento desse conceito.

do qual os interactantes percebem os membros de um grupo estrangeiro, ou a sua própria identidade. (AMOSSY, 2018, p. 130-131)

Dessa forma, dificilmente nos comunicariamos sem os estereótipos, uma vez que eles perpassam o nosso olhar sobre o outro e sobre nós mesmos, sobre os conhecimentos que já temos e que viabilizam o diálogo, de modo a possibilitar a comunicação.

A noção de estereótipo também é articulada à de *doxa*. Assim, para a AAD, a *doxa* não é única e, por isso, pode ter paradoxos e conflitos no seu interior, além de se relacionar ao *interdiscurso*, tratado como “[...] o espaço discursivo global em que se articulam as opiniões dominantes e as representações coletivas” (AMOSSY, 2018, 107). Nesse sentido, na perspectiva da autora, o interdiscurso contém a *doxa*, enquanto os estereótipos constituem fenômenos nos quais a *doxa* emerge de forma mais concreta. Por conseguinte,

Utilizaremos o termo interdiscurso para remeter à disseminação e à circulação dos elementos dóxicos em discursos de todos os tipos. Quando se tratar de revelar a inscrição pontual, no discurso oral ou escrito, das evidências compartilhadas, ou das plausibilidades de uma coletividade datada, falar-se-á de elementos dóxicos mais do que de *doxa*. (AMOSSY, 2018, p. 117-118)

Aos estereótipos, portanto, ligam-se discursos diversos, com os quais eles mantêm diferentes tipos de relações dialógicas: são discursos anteriores que lhes servem de apoio, outros com os quais contrastam, além de enunciados posteriores que os estereótipos suscitam.

Por essa razão, tentamos, na análise subsequente, não apenas identificar estereótipos, mas considerar as restrições e regulações postas pelo gênero redação do Enem, os aspectos linguísticos associados aos estereótipos, além dos aspectos discursivos e interdiscursivos.

Análise do gênero redação do Enem

Ao realizar qualquer análise da argumentação no discurso, é mister destacar o quadro discursivo no qual os textos se inserem (AMOSSY, 2018). Na verdade, o êxito comunicativo depende, dentre outros fatores, do gênero escolhido e de sua adequação ao campo, da ocupação apropriada dos papéis que o gênero coloca aos interlocutores e dos lugares institucionais ocupados pelos sujeitos.

Mormente, consideramos que o gênero redação do Enem vincula-se ao *campo escolar*. Trata-se, neste caso, de uma “esfera de atividade social dotada de sua lógica própria.” (AMOSSY, 2018, p. 244). Nesse sentido, a redação do Enem possui características comuns a outros gêneros que perpassam esse campo: a interação entre orador e auditório não acontece no mesmo espaço e tempo físicos; o tempo de “validade” dos textos acaba pouco depois que são avaliados; os textos servem como um instrumento de avaliação.

Trata-se de um gênero que, normalmente, é confeccionado diversas vezes em sala de aula durante um ano letivo, especialmente no caso dos últimos anos do Ensino Médio, visto que os alunos têm que se adequar ao “padrão Enem” de redações. No caso das redações do Enem produzidas no âmbito do próprio exame, cada uma é verificada por um auditório composto por dois profissionais, que avaliarão os textos produzidos de acordo com competências bem delimitadas. No caso de divergências notáveis – mais de 100 pontos de diferença nas avaliações –, um terceiro avaliador fará um novo exame do texto alvo de discrepâncias.

Conseqüentemente, o campo faz com que o principal objetivo desse gênero seja obter uma boa avaliação de pessoas que ocupam lugares institucionais superiores do ponto de vista hierárquico. Para tanto, o gênero redação do Enem precisa obedecer a certas regras atinentes à esfera social, dentre as quais se destaca a importância de uma argumentação consistente, baseada em conhecimentos socioculturais validados por um conjunto de intelectuais. Portanto, em resumo, há um conflito de interesses entre sujeitos hierarquicamente desiguais: os avaliadores, que visam tão somente avaliar, da forma mais “objetiva” e criteriosa possível; e os candidatos que, por seu turno, querem imitar um protótipo de redação ideal para o exame, com fins de aumentar as chances de ingressar em uma universidade.

Os papéis distribuídos pelo gênero são, principalmente, os de candidato e avaliador. Ambos possuem autoridade e ocupam posições legítimas, cuja obtenção se dá graças a diferentes fatores: no caso dos candidatos, a maioria está cursando ou cursou o Ensino Médio, tem algum nível de domínio sobre os conteúdos que serão abordados e têm nacionalidade brasileira.

No caso dos examinadores, existem outros critérios que legitimam seu papel. Esses profissionais são selecionados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) com base em alguns requisitos: não podem ter se matriculado na edição do Enem em que eles atuarão como avaliadores; não podem possuir parentesco de primeiro grau com candidatos; não devem possuir vínculos com cursos preparatórios para concursos públicos, Enem nem vestibulares; não devem estar ligados a nenhuma atividade que os impeça de avaliar os textos com lisura. Além disso, o avaliador deve ser graduado em Letras – Língua Portuguesa ou na área de Letras com formação em Língua Portuguesa; apresentar modos irrepreensíveis e idoneidade moral; e ser selecionado pelo Cebraspe para se juntar à equipe de avaliadores.

No que se refere ao tema, as redações do Enem sempre tratam de questões atuais, histórica e socialmente relevantes, das quais os alunos precisam ter domínio crítico-reflexivo. Como exemplos, citamos as temáticas da violência contra a mulher (Enem 2015), da

intolerância religiosa e do racismo (Enem 2016), da inclusão dos surdos (Enem 2017), da manipulação do comportamento dos usuários da internet (Enem 2018), etc. Trata-se, pois, de um gênero que responde a enunciados anteriores relativos a anseios sociais, questões que fomentam emoções, ideias políticas, entre outras. Por isso, o espaço interdiscursivo que cada tema evoca é composto por discursos e fragmentos discursivos contrastantes, muitas vezes polêmicos, de diferentes instâncias.

Nesse ínterim, o gênero não pede apenas que os candidatos exponham ideias, mas argumentem em defesa de um ponto de vista. O auditório espera identificar o posicionamento pessoal do candidato, sua forma de interpretar e avaliar as causas dos problemas suscitados pelo tema, suas leituras relevantes feitas durante o percurso escolar, a forma como se dá a articulação das informações e posicionamentos de fontes citadas. Desse modo, os examinadores observarão isso a partir de elementos gramaticais e coesivos; da coerência com o tema; da seleção e organização das informações; bem como da qualidade da proposta de intervenção criada.

Por conseguinte, o *ethos* que os candidatos precisam que o auditório construa é o de pessoas atualizadas, que sabem se posicionar criticamente, conseguem pensar em possíveis medidas para contornar um problema social grave, além de sujeitos que sabem dialogar adequadamente com conhecimentos de diferentes áreas para a defesa de um ponto de vista. Destarte, a construção de estereótipos de caráter preconceituoso ou não compartilhados pelos examinadores – que representam a classe dos intelectuais – poderia ser motivo de construção de um *ethos* de candidatos despreparados e, dependendo do estereótipo identificado, até preconceituosos.

A seguir, após esta análise mais ampla do gênero redação do Enem, realizamos uma análise mais específica dos estereótipos presentes nas redações que compõem nosso *corpus*.

Análise dos estereótipos nas redações do Enem

O gênero redação do Enem, como foi mencionado na seção teórica deste trabalho, possui uma *visada argumentativa*. O orador tem que defender explicitamente uma tese, valendo-se de argumentos diversos. Nesse contexto, a construção dos estereótipos deve estar em consonância com a tese geral do orador, pois, no caso de contradição, a consistência argumentativa do texto pode ser prejudicada.

Dito isso, observemos o excerto subsequente, constituído pelo primeiro parágrafo de desenvolvimento de uma redação do Enem avaliada com nota 660.

Excerto 1: Redação nota 660

É importante pontuar de início que o nosso País faz parte da minoria que possuem liberdade de crença religiosa ao contrário do Islã e outros países onde predomina apenas o Islamismo; pelo fato das diversas religiões é notório o aumento da intolerância e violência, tais como atitudes agressivas ou verbais, dentre as principais vítimas estão os credores das religiões afro-brasileiras, como por exemplo os adeptos do candomblé, eles são os principais alvos de discriminação por povos leigos e ignorantes.

Candidato M. B. D.³

Logo no início do parágrafo, o orador introduz o que será dito com uma expressão que serve para enfatizar e valorizar uma ideia: “É importante pontuar de início[...]”. Esse recurso enfatiza a concepção de que o nosso país (o Brasil) pertence à minoria de nações nas quais há liberdade religiosa. A representação que se tem com isso é muito positiva. Possibilita-se a criação da imagem de que vivemos em um espaço seletivo, onde as pessoas podem, de forma livre, manifestar sua fé, sem riscos ao cerceamento dessa suposta autonomia.

Diversamente à representação desse cenário de liberdade e autonomia, o orador diz: “ao contrário do Islã e de outros países onde predomina apenas o Islamismo”. Nesse caso, o Islam – uma religião centenária composta, hoje, por cerca de 1,6 bilhão de pessoas⁴ que vivem nos mais diversos países – é tratado como um simples país. Além disso, o estereótipo criado é o de que o Islam não possibilita liberdade, uma vez que o candidato o coloca como sendo um espaço oposto ao Brasil e aos demais países mais liberais.

Em outras palavras, existe uma associação do Islam a um espaço onde predomina a intolerância religiosa e onde não há liberdade. Se não há liberdade, então também se pensa que deve haver homogeneidade. Nesse sentido, a representação que se constrói não é do Islam como mais uma religião que deve ser aceita, mas um estereótipo do Islamismo como lugar de intolerantes radicais que não permitem a crença alheia, a possibilidade de uma fé outra.

Pesquisadores como Souza (2017) já alertaram sobre alguns dos equívocos associados à islamofobia no Brasil. Segundo o autor, dentre as imagens negativas dos islâmicos está,

[...] de maneira geral e de modo transnacional, [...] a identificação dos muçulmanos enquanto um grupo monolítico, sem variações internas, compreendidos enquanto selvagens, bárbaros e misóginos, que possuíam uma agenda de dominação cultural, política e religiosa contra o “Ocidente” [...]. (SOUZA, 2017, p. 38)

³ Optamos por usar siglas para omitir as identidades dos candidatos.

⁴ Dados coletados no *Pew Research Center*. Link para acesso: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/08/09/muslims-and-islam-key-findings-in-the-u-s-and-around-the-world/>.

Dessa maneira, mesmo que não haja consciência disso, ao estereótipo criado pelo orador, no âmbito do interdiscurso, estão relacionadas diversas falas de caráter excludente, nacionalista, de campanhas anti-imigração etc. formuladas com os interesses mais heterogêneos possíveis: conquistas territoriais, suposta segurança nacional, uso do senso comum para fortalecer um ideário político excludente. Esses discursos circulam nas mídias sociais, em plataformas digitais, em alguns veículos da imprensa de massa. Podem, portanto, ser encontrados em vídeos do *YouTube* que fazem piadas com a população islâmica e atizam o medo das pessoas⁵, em textos jornalísticos⁶, na fala de líderes de grandes nações, além de outros espaços.

Consequentemente, ao considerar que os jovens candidatos do Enem estão envolvidos por uma guerra de informações que os bombardeiam de todos os lados, não é incomum encontrarmos estereótipos dessa natureza nas redações, embora saibamos que isso prejudica a força argumentativa dos textos. Trata-se de um estereótipo baseado em crenças advindas do senso comum, acrílicas e, de certo modo, preconceituosas.

Por outro lado, no final do excerto o orador menciona o fato dos praticantes das religiões afro-brasileiras serem alvos de discriminação. Esse fato condiz com a principal tese do texto: existe intolerância religiosa e precisamos mudar isso. Mesmo assim, o estereótipo com teor preconceituoso já discutido faz com que haja contradição no texto e a argumentação seja enfraquecida, uma vez que, no contexto em que se discute intolerância religiosa, a população islâmica também precisa de proteção e não de ser vista como terrorista e agressora.

Ao voltarmos nosso olhar analítico sobre a redação que obteve nota máxima, observamos que o orador também mobilizou argumentos oriundos de estereótipos ancorados no senso comum. No entanto, ele realizou essa manobra argumentativa de forma crítica e, possivelmente, mais consciente da realidade sociodiscursiva que envolve seu argumento. Vejamos o trecho a seguir, que corresponde ao primeiro parágrafo de desenvolvimento de uma redação avaliada com nota 1000:

Excerto 2: Redação nota 1000

Não obstante, apesar de a formação brasileira ser oriunda da associação de díspares crenças, o que é fruto da colonização, atitudes preconceituosas acarretam a incrível continuidade de constantes ataques a religiões, principalmente de matriz africana. Diante disso, a união entre uma pátria cujo obsoleto ideário

⁵ Alguns links com pegadinhas do *YouTube*: [https://www.youtube.com/watch?v=oo6IsLU9Nh0&t=9s.](https://www.youtube.com/watch?v=oo6IsLU9Nh0&t=9s.;); <https://www.youtube.com/watch?v=tpdaBJwz8Pg.>

⁶ Link para acesso ao texto jornalístico: <https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/o-mito-da-minoria-radical-muculmana/>.

ainda prega a supremacia do cristianismo ortodoxo e um sistema educacional em que o estudo acerca das disparidades religiosas é escasso corrobora a cristalização do ilegítimo desrespeito à religiosidade no país.

Candidato L. C.

No excerto, o orador apresenta como ideia central a defesa de que a existência de uma representação sociodiscursiva envolve a soberania de religiões tidas como superiores em detrimento de outras religiões por vezes consideradas inferiores. Essa percepção fica evidente já nas primeiras linhas do trecho em destaque, quando ele afirma que “[...] apesar de a formação brasileira ser oriunda da associação de díspares crenças, o que é fruto da colonização, atitudes preconceituosas acarretam a incrível continuidade de constantes ataques a religiões, principalmente de matriz africana.”. Dessa maneira, podemos observar que o argumento aponta para o entendimento de que o Brasil não evoluiu com relação às práticas religiosas, desde a sua origem até os dias hodiernos, o que sugere a necessidade de reformulação de atitudes que possam corroborar para a consolidação e fortalecimento desse ideário preconceituoso.

Nesse sentido, Feldens (2008), ao discutir sobre o preconceito religioso, considera que apesar de vivermos em um Estado Democrático de Direito e da Carta Magna do nosso país assegurar a liberdade religiosa (de crença e de culto) a todos os que vivem em solo brasileiro, “[...] na realidade social, tal liberdade não é efetivada totalmente e permanece muitas vezes velada devido a visão religiosa fechada, estanque e parcial de diversas pessoas.” (FELDENS, 2008, s/p).

Dessa maneira, entre as atitudes que permanecem no convívio social e contribuem para reforçar esse ideário religioso estanque, o candidato aponta para duas: a primeira que trata da “[...] união entre uma pátria cujo obsoleto ideário ainda prega a supremacia do cristianismo ortodoxo” e a segunda que versa sobre “um sistema educacional em que o estudo acerca das disparidades religiosas é escasso [...]”.

Ambas as atitudes são alvo do interesse de várias pesquisas relacionadas aos campos social e de ensino, como podemos observar em Azevedo (2004), que discute sobre o papel social e político exercido pela Igreja Católica no Brasil desde o seu descobrimento (em 1500) até o início deste século, e em Castro e Baldino (2015), que aponta para o fato de que no ensino religioso ofertado pela rede pública ainda prevalece a mobilização política das igrejas cristãs, encabeçada pela Igreja Católica, a despeito do Estado brasileiro ser constitucionalmente laico. Esses enunciados com os quais a redação dialoga – ela os responde⁷ – demonstram a pertinência do argumento mobilizado pelo orador.

⁷ Usamos o termo *resposta* em um sentido bakhtiano, isto é, como se referindo a um movimento dialógico amplo que envolve enunciados que se tocam por tratarem de um mesmo tema.

Diante disso, observamos que, em comparação com a redação que obteve a nota 660, na redação com nota máxima, os estereótipos também compõem pontos relevantes da argumentação. Contudo, há uma criticidade maior, na redação nota 1000, do papel que a estereotipia desempenha na sociedade. Assim, o orador não se prende exclusivamente à simples exposição dessas representações construídas no/pelo convívio social, indicando em seu texto as possíveis causas da origem/consolidação desse ideário, além do fato dele estender o argumento ao campo científico, relacionando o estereótipo com estudos advindos de diferentes vertentes teóricas.

Outro ponto que merece destaque é o caráter respeitoso com que o argumento foi formulado. Enquanto na redação com nota 660 há uma contradição semântica que orienta o texto para um discurso, de certo modo, preconceituoso para com os mulçumanos, na redação com nota 1000 não observamos qualquer tipo de alusão ou direcionamento semântico que poderia conduzir a um entendimento discriminatório.

Por fim, podemos afirmar que, dentre as duas redações analisadas, o que as distingue com relação ao uso de estereótipos como argumentos para a defesa de um ponto de vista próprio é a forma como eles são abordados nos textos. Ao passo que na redação com nota 660 essas representações sociais são expostas de forma clara e facilmente identificável, na redação com nota 1000, as representações sociais semelhantes são abordadas de modo implícito, como uma sugestão do orador, um estímulo para que o auditório reflita e chegue a suas próprias conclusões.

Considerações finais

A opção teórica pelo conceito de estereótipo para análise de redações do Enem mostrou-se ser promissora, uma vez que constatamos que redações com diferentes notas mobilizam o fenômeno na tentativa de arquitetar o projeto argumentativo presente no texto. Além disso, percebemos como uma argumentação pode ser prejudicada ou enriquecida em função dos estereótipos mobilizados: quando o orador retoma representações estereotipadas com um teor excludente e preconceituoso a argumentação se torna menos convincente; por outro lado, a argumentação é robustecida quando são construídos estereótipos que dialogam com o saber científico.

Esses dois movimentos foram identificados nas redações analisadas neste artigo: estereótipos que dialogam com discursos anteriores anti-imigração, racistas e nacionalistas; e estereótipos que respondem a enunciados validados do ponto de vista científico. As redações do Enem constituem, portanto, um gênero no qual podem emergir representações

contrastantes e vozes diversas acerca de um mesmo tema, além de ser espaço de expressão do universo de crenças e valores dos oradores.

Esperamos, pois, que nosso trabalho inspire a produção de outros textos que investiguem a construção de estereótipos em redações do Enem. Para tanto, sugerimos que talvez seja possível investigar a construção desse fenômeno na sua relação com as competências estabelecidas pelo exame. Isso, contudo, implica em possíveis inferências sobre os resultados obtidos pelos candidatos, o que não foi nosso interesse nesta pesquisa.

Por fim, reforçamos que nosso intuito também foi o de contribuir para uma reflexão da necessidade do ensino do gênero redação do Enem de modo mais humanizado, que não vise apenas o êxito profissional dos alunos – que é muito importante –, mas também a construção de um pensamento mais crítico, inclusivo e democrático sobre o mundo. Para isso, reiteramos a necessidade de se trabalhar com os estereótipos nas propostas de produção textual do gênero redação do Enem.

A STUDY ON STEREOTYPES IN ENEM NEWSROOMS

ABSTRACT: The objective of this work is to investigate the construction of stereotypes in essays of the National High School Exam that dealt with the theme "Paths to combat religious intolerance in Brazil." From a methodological point of view, the corpus of this article is composed of two essays evaluated with different notes (660 and 1000 points). The analysis showed that the stereotypes mobilized in the note 660 writing dialogue with previous statements characterized by reproducing prejudiced, exclusive and racist speeches. On the other hand, the stereotypes built in the essay that obtained the highest score respond to statements in the field of science and, therefore, are part of the universe of beliefs and values of many intellectuals. In this way, the research carried out in this work demonstrates the relevance, both from the point of view of access to the university and the development of a more democratic and inclusive worldview, of working stereotypes in the textual production proposals of the writing genre.

KEYWORDS: Argumentation; Stereotypes; Gender wording of Enem.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Tradução de Angela M. S. Corrêa *et al.* São Paulo: Contexto, 2018.

AMOSSY, R. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. *EIDEA - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/389>. Acesso em: 1 ago. 2020.

AMOSSYR, R.; PIERROT, A. H. *Estereótipos y clichés*. 1. ed. Tradução de Lelia Gándara. Buenos Aires: Eudeba, 2010.

AZEVEDO, DERMI. A igreja católica e seu papel político no Brasil. *Estudos Avançados – Revista USP*. v. 18, n. 52, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a09v1852.pdf>. Acesso em: 17 set. 2020.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra, notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

CASTRO, R. M. M.; BALDINO, J. M. O ensino religioso no Brasil: a constituição de campo disputado. *Revista de Estudos da Religião (REVER)* – PUC-SP. Ano 15, n. 02, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/rever/article/view/26185/18849>. Acesso em: 17 set. 2020.

FELDENS, P. F. Preconceito religioso: um desafio à liberdade religiosa, inclusive expressiva. *Revista Justiça e História*. v. 6, n. 12, 2008. Disponível em: https://www.tjrs.jus.br/export/poder_judiciario/historia/memorial_do_poder_judiciario/memorial_judiciario_gaucha/revista_justica_e_historia/issn_1677-065x/v6n12/Microsoft_Word_-_ARTIGO_PRECONCEITO_RELIGIOSO...._Priscila_Feldens_-_ABNT.pdf. Acesso em 19 set. 2020.

LOPES-ROSSI, M. A. G. *Tendências atuais em pesquisa de linguística aplicada*. São Paulo: UNITAU, 2009. Disponível em: http://www.unitau.br/scripts/prppg/la/5sepla/site/comunicacoes_orais/artigomaria_aparecida.pdf. Acesso em: 01 mar. 2019.

MACEDO, P. S. A. de.; CAVALCANTE, M. M. Estratégias de textualização na polêmica sobre culturas agrícolas no Brasil. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 303-320, já/abr. 2019. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1390>. Acesso em: 1 ago. 2020.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RABATEL, A. *Homo narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa*. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luís Passeggi, João Gomes da Silva neto. São Paulo: Contexto, 2016.

RUIZ, M. A. A.; ARAÚJO, L. M. B. M. de. (orgs). *Das condições de enunciabilidade no discurso científico: o caso dos estereótipos*. Araraquara: Letraria, 2019.

SOUZA, F. F. de. Islamofobia brasileira online: discursos fechados sobre o Islam em uma rede social. *pragMATIZES - Revista Latino Americana de Estudos em Cultura*, Ano 7, n 13, abr/set. p. 36-52. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/10458>. Acesso em: 1 ago. 2020.

Recebido em: 22/06/2021.

Aprovado em: 09/12/2021.